

BAGAGEM LITERARIA

*Ugné Karvelis, da Gallimard,
leva na mala o melhor da nova geração
de escritores brasileiros*



Ugné Karvelis: a nova literatura
brasileira ganha tons universais

mas a obrigação de passar o dia no escritório, podendo ela mesma fazer seus horários e as leituras em casa, "onde trabalho muito melhor".

Contando com uma equipe de 10 leitores, em espanhol e português, para os leitores ocasionais, Karvelis é responsável também pelas traduções, que demoram muito, "porque os bons tradutores são raros, têm muito trabalho e trabalham devagar".

No momento, apenas um escritor brasileiro está em fase de tradução para lançamento pela Gallimard: Rudson Nassar, "pouco conhecido aqui, mas muito, muito bom; como geralmente acontece, seu livro me chegou por acaso, através de um amigo brasileiro".

A Gallimard publica cerca de 500 títulos novos por ano, dos quais uns 10 são latino-americanos. "o que não é pouco para livro estrangeiro", pondera Ugné. Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro, foi publicado há um ano e meio e seu *Vila Real* já está em tradução.

Obviamente, os escritores hispano-americanos são muito mais lidos, mas existe um mito que Karvelis se esforça por destruir: o do boom latino-americano na Europa. "Não houve este boom. A coisa aconteceu pouco a pouco. E algo como o fenômeno que se produziu na Europa, após a Guerra Mundial, com a literatura norte-

ANTES
UNDO
TIANO

... e com porta, como larar e
... proveito e prazér dos sete mo-
... grande sinchula literária.

Secionista, autor de
"Estudos Para a Mão Direita"
e outros livros de contos

[illegible]

Secionista, autor de
"O amonense Belmiro" e
outras romances da A.B.I.

"PROCURAR não é saber que se recomende a quem bruce, na altura, apenas uma lei: a recreação, um lapso passatempo. Há não pelo serviço de passatempo, mesmo porque o seu objeto é captar e, tempos depois, a procurar depois da o fuma, a fim de melhor poder analisar os recolhidos da memória e esquadrear, a tudo, os esportividades e o seu uso na consciência dos indivíduos. Análise dos indivíduos da elite lusitana, e em particular, a

poeta, autor de
"Eua dos Cataventos",
tradutor de Freud

"PARA o Prosat, é necessário que o leitor se ponha de espírito adequado à leitura, um espírito em alguma tensão. O que hoje em dia é raro, porque o pessoal gosta de coisas curtas e rápidas. O Prosat apresenta perfis de página e mais, algumas que duas vezes ou três. Não é de bom alvore, quando tudo era mais lento, e por isso mesmo mais interessante. Seria de se esperar que se adaptassem à leitura as épocas, épocas cronológicas, mas universal, podem compreender Prosat. É necessário uma tensão alguma.

Depois de adotar-se a uma posição — graças ao qual levamos cerca de quatro meses para traduzir cada uma das partes de *Eu Sou do Tempo Presente* — o leitor deverá prestar atenção à minuciosa análise psicológica que Protot faz das duas personagens. Há lá um dos primitivos atômicos a testar seriamente a homossexualidade, apelando-o o estudo do segundo número tanto quanto Freud, como Dostoiévski e como Shakespeare.

Não é um autor tão fácil assim. Apenas exige um costume, uma adequação. E precisa entender muito a fundo de Marlene como o de Pissarro. Infelizmente há muitos que compõem livros para crianças, para serem publicados.

memorialista, autor de
"Chão de Ferro" e vários
outras obras

ACHO que estas flores são muito maldosas. Lá-se Fraydum como qualquer outro. Com atengido, vontade de parecer o interior exterior, mais fácil, e os outros, apenas espócio de os estudantes, que possuem haver na sua. Fraydum não é um escritor hermético. Parece simplificado, pela ausência de segredo — pouco tempo, depois, chegando às vezes mais de uma página —, mas não é. O importante é a situação que se dá entre leitor e autor.

Li o pela primeira vez aos 33 e poucos anos.
Li seu grande entusiasmo, trebalhoso, mole.
Li o seu sorriso, o seu dente.

15, 5x014